



“LGBT TEM QUE TER UM CORPO DENTRO DE UM PADRÃO, PORQUE SE NÃO, ELE TEM A CARTEIRINHA NACIONAL DE HOMOSSEXUALIDADE CAÇADA”:
SIMULACROS DE MASCULINIDADE E REGIMES DE RECONHECIMENTO ENTRE HOMENS GAYS

“LGBT PEOPLE HAVE TO HAVE A BODY THAT FITS THE NORM, BECAUSE IF NOT, THEY GET THE NATIONAL HOMOSEXUALITY CARD REVOKED”:
SIMULACRA OF MASCULINITY AND RECOGNITION REGIMES AMONG GAY MEN

«LAS PERSONAS LGBT TIENEN QUE TENER UN CUERPO QUE SE AJUSTE A UN ESTÁNDAR, PORQUE SI NO, SE LES RETIRA LA CARTA NACIONAL DE HOMOSEXUALIDAD»:
SIMULACROS DE MASCULINIDAD Y REGÍMENES DE RECONOCIMIENTO ENTRE HOMBRES GAYS

Juan Romero

Resumo

Este estudo analisou os significados atribuídos às performatividades de gênero e às corporalidades demandadas de/por homens gays, em articulação com suas experiências e práticas corporais. Foram entrevistados 10 interlocutores, residentes de Porto Alegre e região metropolitana. No contexto das práticas corporais e esportivas entre homens gays, o corpo configura-se como um dispositivo central de regulação, reconhecimento e pertencimento. Os relatos dos interlocutores evidenciam que a busca pelo chamado “corpo ideal” encontra-se profundamente atravessada por experiências anteriores de violência, rejeição e invisibilização, operando como uma estratégia de validação social e de acesso a afetos. Contudo, esse mesmo movimento contribui para a manutenção de hierarquias internas e para a produção de novas formas de exclusão. As dinâmicas observadas sugerem que as práticas corporais e esportivas não apenas reiteram normas cisheteronormativas, mas também reatualizam desigualdades raciais e de classe no interior das próprias dissidências sexuais.

Palavras-chave: Práticas Corporais; Gênero; Sexualidade; Representações Sociais.

Abstract

This study analyzed the meanings attributed to gender performativity and the bodily ideals demanded of gay men, in relation to their bodily experiences and practices. Ten participants, residents of Porto Alegre and its metropolitan area, were interviewed. In the context of bodily and athletic practices among gay men, the body functions as a central mechanism of regulation, recognition, and belonging. The participants' accounts reveal that the pursuit of the so-called “ideal body” is deeply intertwined with past experiences of violence, rejection, and invisibility, functioning as a strategy for social validation and access to affection. However, this same dynamic contributes to the maintenance of internal hierarchies and the production of new forms of exclusion. The dynamics observed suggest that physical and sports practices not only reinforce cisheteronormative standards but also perpetuate racial and class inequalities within sexual dissidence itself.

Keywords: Body Exercises; Gender; Sexuality; Social Representations.

Resumen

Este estudio analizó los significados atribuidos a las performatividades de género y a las corporalidades exigidas a los hombres gays, en relación con sus experiencias y prácticas corporales. Se entrevistó a 10 participantes, residentes en Porto Alegre y su área





metropolitana. En el contexto de las prácticas corporales y deportivas entre hombres gays, el cuerpo se configura como un dispositivo central de regulación, reconocimiento y pertenencia. Los relatos de los participantes evidencian que la búsqueda del llamado «cuerpo ideal» se ve profundamente atravesada por experiencias previas de violencia, rechazo e invisibilización, y opera como una estrategia de validación social y de acceso a los afectos. Sin embargo, este mismo movimiento contribuye al mantenimiento de jerarquías internas y a la producción de nuevas formas de exclusión. Las dinámicas observadas sugieren que las prácticas corporales y deportivas no solo reiteran las normas cisheteronormativas, sino que también reactualizan las desigualdades raciales y de clase en el seno de las propias disidencias sexuales.

Palabras clave: Prácticas corporales; Género; Sexualidad; Representaciones Sociales.

INTRODUÇÃO

As práticas corporais funcionam como cenários simbólicos onde normas de gênero são tanto reforçadas quanto contestadas. Nessas práticas, a repetição sistemática de gestos e movimentos corporais não se limita à busca de desempenho técnico, mas também performatiza identidades, produzindo “sujeitos que reiteram, negociam ou mesmo tensionam normas que asseguram privilégios de determinados grupos sociais” (Goellner; Silva; Jaeger, 2023, p. 5). Dessa forma, a materialização do corpo em movimento passa a ser um campo de disputa por significados: dependendo de quem ocupa o espaço e de como ele o faz, às práticas corporais e esportivas podem reforçar padrões cisheteronormativos ou abrir brechas para expressões de gênero dissidentes.

O ambiente esportivo está fortemente ligado à representação masculina branca na história. Embora já exista um movimento social que luta para que práticas que integrem pessoas de identidades diversas, elas ainda estão vinculadas majoritariamente a homens brancos, cisgênero e heterossexuais. As práticas corporais reforçam representações ‘ideais’ baseadas na norma de sexo, gênero e sexualidade. Nesse processo, observa-se uma divisão entre esportes e práticas corporais que pressupõem determinadas performatividades de masculinidade ou feminilidade. Tais direcionamentos operam como mecanismos de manutenção de masculinidades consideradas “tradicionais”, produzidas e reiteradas por meio das relações entre gênero, sexo e sexualidade. Assim, associa-se às masculinidades cisheterocentradas atividades que demandam força física, agilidade e competitividade, reiterando representações normativas no interior dessas práticas (Cunha Junior; Melo, 1996; Prado; Altmann; Ribeiro, 2016).

Ao reconhecer que as práticas corporais operam como cenários nos quais normas de gênero podem ser simultaneamente reiteradas e tensionadas, e que a própria materialização do corpo nesse contexto se constitui como um campo de disputa por significados, coloco as seguintes questões: Como os homens gays percebem e interpretam as representações de gênero, sexualidade e corpo presentes nas práticas corporais? De que maneira essas representações incidem sobre suas próprias experiências





corporais e subjetivas? Que usos, negociações e ganhos emergem de sua inserção em práticas corporais, considerando os atravessamentos dessas representações? Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar os significados atribuídos às performatividades de gênero e às corporalidades demandadas de/por homens gays, em articulação com suas experiências e práticas corporais.

CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa para refletir e discutir sobre as experiências de homens gays com as práticas corporais e as representações que atravessam suas experiências. Estudos qualitativos são caracterizados por múltiplas perspectivas e se constroem a partir de questionamentos e dúvidas em relação a certos saberes. Ao rejeitar a ideia de um conhecimento universal, a pesquisa se apoia em desejos e compreensões locais e parciais. Assim, considerando que diferentes contextos sociais produzem modos distintos de conhecimento, também se ampliam as possibilidades metodológicas para investigá-los (Costa, 2004). É importante destacar que o enquadramento teórico deste estudo se insere em uma perspectiva pós-estruturalista, na medida em que problematiza a produção de verdades, os regimes de saber e as relações de poder que atravessam os corpos e as práticas sociais. A partir desse horizonte, o conhecimento não é compreendido como neutro ou universal, mas como situado, contingente e atravessado por disputas discursivas que produzem e regulam modos de existência.

Nesse sentido, ao dialogar com a teoria feminista pós-moderna, Haraway (1991) formula uma crítica contundente às epistemologias tradicionais da ciência, articulando a reflexão feminista com perspectivas construcionistas dos estudos sociais da ciência e tecnologia. A autora evidencia que os cânones clássicos do método científico não são capazes de dar conta de como a ciência é efetivamente produzida, uma vez que ocultam as condições históricas, políticas e corporificadas de sua constituição. Ao invisibilizar as redes de poder implicadas na produção do conhecimento, a ciência sustenta uma retórica de neutralidade que funciona como estratégia de legitimação. Nessa direção, conforme problematiza Foucault (1975), o saber científico opera como dispositivo de poder disciplinar, no qual a objetividade emerge não como dado, mas como efeito discursivo. Assim, a noção de objetividade pode ser compreendida como uma tecnologia que estabiliza verdades e institui regimes de veridicção, contribuindo para a normatização dos corpos e das práticas.

A pesquisa se constitui, também, como narrativa: um tecido sensível entrelaçado por histórias de vida que se cruzam, se tensionam e se reconhecem. Tais histórias são aqui compreendidas como





experiências inscritas nos processos educacionais, especialmente na relação com as práticas corporais, onde o corpo não apenas executa, mas significa, resiste e aprende. As experiências que atravessam este percurso emergem, em grande medida, da trajetória do próprio autor, forjada no encontro, por vezes violento, por vezes inventivo com as práticas corporais vivenciadas tanto no ensino básico quanto na formação em Educação Física.

Este texto, portanto, não se pretende neutro. Ele é escrito a partir de um corpo situado: um homem branco, gay, afeminado, mestre em Ciências do Movimento Humano, cuja existência foi reiteradamente interpelada pelos regimes de normalização que atravessam a escola e a universidade. Há, aqui, um compromisso ético e político em assumir essa posição, não como limitação, mas como condição de possibilidade do próprio gesto de pesquisar. A investigação nasce da inquietação quase insistente de compreender se outros homens gays também experimentaram o deslocamento, a suspeita e a constante necessidade de justificar sua presença em determinados espaços. Nasce, sobretudo, da memória de um corpo que foi questionado em seu pertencimento, e que, ao narrar-se, busca não apenas compreender, mas também produzir outras formas de existir e de ser reconhecido. Nesse sentido, a opção metodológica se consolida como uma estratégia para compreender a experiência em um movimento colaborativo entre pesquisador e interlocutores (Clandinin; Connelly, 2000).

Para a discussão da temática proposta, foram entrevistados 10 homens gays, com idades entre 31 e 38 anos, residentes em Porto Alegre e na região metropolitana. A seleção dos participantes ocorreu por meio da divulgação de cartazes digitais nas plataformas Instagram e Facebook, convidando a comunidade a participar do estudo. Como critérios de inclusão, estabeleceu-se: residir em Porto Alegre ou região metropolitana, identificar-se como homem gay (cis/trans) e ter entre 31 e 38 anos de idade. Como critérios de exclusão, consideraram-se: residir fora da região metropolitana de Porto Alegre, identificar-se como heterossexual e mulher. O recorte geográfico foi definido com o intuito de viabilizar a realização das entrevistas, enquanto o recorte etário foi estabelecido a partir da compreensão de que experiências compartilhadas em uma mesma faixa etária tendem a se entrelaçar, produzindo identificações entre os interlocutores. Ao todo, 18 pessoas manifestaram interesse em participar da pesquisa; dessas, 13 atendiam aos critérios estabelecidos e 10 possuíam disponibilidade para a realização das entrevistas.

A produção das informações se deu por meio de entrevistas semiestruturadas individuais, sendo oito destas, realizadas de forma online, e duas de forma presencial, por solicitação dos próprios





interlocutores. Todos tiveram suas identidades preservadas e foram citados ao longo do estudo utilizando nomes de atletas da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-Binários e mais. (LGBTQIAPN+), sendo estes: Douglas Souza, Justin Fashanu, Ian Matos, Juliano Ferreira, Diego Hypolito, Lilico, Richarlyson, Rayan Dutra, Nicolas Albiero e Emerson Ferretti.

A adoção de nomes fictícios inspirados em atletas LGBTQIAPN+ não se deu apenas como estratégia metodológica de preservação do anonimato dos interlocutores, mas como um gesto político deliberado no interior da pesquisa. Ao nomeá-los com referências a sujeitos que, em diferentes contextos, tensionaram as normas de gênero e sexualidade no campo esportivo, o estudo desloca a lógica tradicional da anonimização que muitas vezes apaga, para uma lógica que também inscreve, reconhece e homenageia trajetórias dissidentes. Trata-se, portanto, de uma escolha que produz uma dupla operação: protege as identidades dos participantes e, simultaneamente, re-inscreve no texto acadêmico a presença de corpos e histórias LGBTQIAPN+ que historicamente foram silenciados e marginalizados nas práticas corporais e esportivas. Nesse sentido, nomear pessoas da comunidade com nomes da própria comunidade configura-se como um ato de afirmação, memória e posicionamento, tensionando os modos estruturais de produção do conhecimento e reivindicando outras formas de pertencimento e visibilidade.

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul, sob parecer de número 5699977 e CAAE número 57285122.1.0000.5312.

Quadro 1 – Identificação dos interlocutores

Interlocutor	Idade	Raça	Gênero	Sexualidade	Escolaridade
Douglas Souza	36 anos	Pardo	cisgênero	gay	Ensino superior incompleto
Justin Fashanu	31 anos	Preto	cisgênero	gay	Pós-graduação
Ian Matos	31 anos	Branco	cisgênero	gay	Ensino médio
Juliano Ferreira	35 anos	Branco	cisgênero	gay	Ensino superior
Diego Hypolito	33 anos	Branco	cisgênero	gay	Ensino superior
Lilico	31 anos	Branco	cisgênero	gay	Ensino superior
Richarlyson	34 anos	Branco	cisgênero	gay	Ensino superior
Rayan Dutra	32 anos	Branco	cisgênero	gay	Ensino superior
Nicolas Albiero	31 anos	Branco	cisgênero	gay	Ensino superior
Emerson Ferretti	36 anos	Branco	cisgênero	gay	Pós-graduação

Fonte: construção do autor.





As informações produzidas nas entrevistas — falas, reflexões e desabafos dos interlocutores — foram analisadas a partir das proposições de Braun e Clarke (2006). As autoras organizam a Análise Temática em cinco etapas interligadas: familiarização com as informações, codificação inicial, agrupamento de temas, revisão e definição dos temas e, por fim, elaboração do relatório. A condução da análise ocorreu de forma indutiva, sem a utilização de um esquema de codificação prévio, o que possibilitou que as próprias informações orientassem o processo, sem a imposição de regras rígidas. Importa ressaltar que esse percurso não se dá de modo linear, mas de forma recursiva, em movimentos constantes de ida e volta entre as etapas. Para este estudo, o recorte analítico privilegiou os conceitos de corpo, gênero e sexualidade.

O processo de análise teve início com a organização do material empírico produzido nas entrevistas. As dez entrevistas realizadas foram transcritas em documentos individuais e lidas na íntegra, com o objetivo de identificar temas recorrentes e possíveis articulações entre eles. A partir desse movimento, emergiram os eixos temáticos que serão apresentados no capítulo seguinte. Cabe destacar que, nesse primeiro momento, não houve definição de categorias de forma rígida, considerando-se a natureza recursiva do processo analítico, marcada por um constante retorno ao material empírico, o que possibilitou ajustes e reformulações ao longo da construção argumentativa.

Na Educação Física, observo hoje uma multiplicidade de conhecimentos que buscam compreender o corpo para além da dimensão biológica, fisiológica ou anatômica. Questões históricas, sociais, filosóficas e culturais tornam-se centrais nessa discussão. Como aponta Goellner (2003), o corpo não é definido prioritariamente por suas semelhanças biológicas, mas pelos significados sociais e culturais que nele se inscrevem. Nesse sentido, as representações de corpos não são universais, mas temporais, situadas e variáveis, moldadas pelos contextos nos quais se manifestam e interagem. Foucault (1979) já destacava que o corpo é um lugar de poder e de disciplina, constantemente atravessado por normas e tecnologias de regulação. Butler (2003) acrescenta que o corpo se constitui performaticamente, sendo efeito e produto das normas de gênero que o regulam e, ao mesmo tempo, espaço de resistência a elas. Assim, os corpos não apenas carregam marcas sociais, mas também se tornam espaços de disputa, identidade e contestação, em um processo contínuo de significação.

O conceito de gênero, neste trabalho, é entendido como uma construção social, cultural e histórica, marcada pela variabilidade temporal e pelos diferentes contextos culturais, em consonância com a definição proposta por Scott (1995). Longe de ser um dado “natural”, o gênero constitui-se como





categoria relacional e política, produzida em meio a sistemas de poder e de significação. Judith Butler (2003) destaca que o gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são criadas e naturalizadas, mas também pode funcionar como aparato para sua desconstrução e desnaturalização. Nesse sentido, o gênero deve ser pensado não como essência ou identidade fixa, mas como efeito performativo, produzido reiteradamente por normas e discursos. Louro (1997) reforça que tais normas atuam pedagógica e cotidianamente, regulando os corpos e suas expressões, ao mesmo tempo em que abrem brechas para a invenção e para a resistência. Assim, o gênero não apenas organiza práticas sociais e relações de poder, mas também se constitui como campo de disputa, instabilidade e possibilidade de transformação.

A sexualidade pode ser compreendida como uma dimensão histórica, social e cultural, construída na intersecção entre subjetividade e coletividade. De um lado, está ligada à constituição de quem somos, às formas pelas quais nos reconhecemos e somos reconhecidos; de outro, envolve discursos sociais sobre saúde, moralidade, prosperidade e bem-estar coletivo. Weeks (2000) destaca que essas esferas não são dissociadas, pois o corpo e suas capacidades ocupam lugar central em ambas. Foucault (1988) já havia mostrado que a sexualidade não é apenas uma expressão natural dos desejos, mas um campo de saber-poder, atravessado por discursos médicos, jurídicos, pedagógicos e religiosos que a regulam e produzem. Nesse sentido, como aponta Louro (2000), a sexualidade é também pedagógica, pois ensina, normatiza e orienta práticas e identidades, ao mesmo tempo em que abre espaços para deslocamentos e invenções. Preciado (2014) reforça essa compreensão ao indicar que a sexualidade é atravessada por tecnologias e dispositivos que não apenas regulam os corpos, mas também criam novas formas de prazer, subjetividade e resistência.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

Os relatos dos interlocutores revelam que o corpo, no universo esportivo e no contexto da homossexualidade masculina, não é apenas matéria orgânica, mas campo de inscrição de normas, desejos e violências. A estética e as marcas corporais aparecem como destino quase incontornável: “Na minha percepção, todo mundo corre por estética e eu acho que na parte de saúde, nem se vier tudo bem. É ‘nem pensei a respeito’, ‘usam pra saúde isso?’” (Diego Hypolito). A ironia presente nesta fala expõe a forma como o exercício físico, longe de ser pensado apenas como cuidado de si, é mobilizado como estratégia





de legitimação e pertencimento. O corpo parece ser moldado como passaporte social, e não como espaço de experimentação ou saúde ampliada.

Emerson Ferretti reforça a crítica ao apontar que “[...] ainda se foca muito no efeito estético, e não se pensa no efeito da saúde como um todo [...]”. O que se apresenta é um deslocamento do corpo em direção a uma imagem: tanquinho, peito definido, “um braço”, barba, altura, tamanho da genitália, “o combo completo” (Ian Matos). O corpo torna-se então cifra de masculinidade tradicional, parâmetro de pertencimento. Como afirma Goellner (2003), não são as semelhanças biológicas que definem o corpo, mas os significados que nele se inscrevem. Nesse caso, o corpo homossexual é convocado a se alinhar ao modelo heteronormativo, performando um simulacro de virilidade que garante reconhecimento social. Essa busca pelo “corpo padrão” não é apenas estética, mas existencial:

[...] essa busca pelo corpo perfeito, tá relacionado a essa falta de validação, que talvez nos outros estágios da vida, não houve. Por causa do preconceito, por causa da violência, ele encontra ali uma forma de ser visto, de ser valorizado, ser desejado, e isso, eu acho que é o maior dos incentivos, e que às vezes, não está muito ciente na cabeça das pessoas que buscam isso, e acabam interiorizando isso como uma única solução possível (Richarlyson).

A fala revela como o corpo opera como “compensação” frente à violência e ao preconceito vividos ao longo da vida. O gênero e a sexualidade não são expressões de uma essência, mas efeitos de normas reiteradas. O corpo musculoso, másculo e “aceitável” parece funcionar como performance que promete, ainda que ilusoriamente, proteção contra a vulnerabilidade de ser lido como “gay demais”. Richarlyson reflete sobre as representações de corpos gays nas práticas esportivas “[...] o principal estereótipo que a gente tem hoje do homem gay praticando esporte, é que ele quer ter uma aparência padrão, ele quer estar dentro do padrão de aparentar heteronormatividade, corpo malhado”. Juliano Ferreira descreve o fenômeno como um processo de autoafirmação: “[...] na comunidade em geral, percebo que o esporte é muito uma forma ligada à beleza, uma forma de autoafirmação, principalmente academia, musculação e essas variações. É uma forma das pessoas encontrarem autoestima, está muito ligado com isso”.

Assim, o corpo emerge como um lugar de múltiplas significações, e chama atenção a recorrência dos relatos que o apresentam como critério de validação social. As marcas nele inscritas são incorporadas pelos sujeitos e passam a funcionar como mecanismos de distinção, produzindo “subgrupos” hierarquizados no interior da própria comunidade gay. O relato de Diego Hypolito explicita esse fenômeno:

Na minha visão, é sim para o reforço de um estereótipo. Que uma pessoa LGBT tem que ter um corpo dentro de um padrão, porque se não, ele tem a carteirinha nacional de





homossexualidade caçada, ela acaba não pertencendo ou ela acaba sendo atirada, contra a própria vontade, dentro de um grupo alternativo, e aí chama de urso, de não sei mais o que, são tantos nomes que eu já não consigo acompanhar. Mas é meio que uma validação, da gay que tem valor e da gay que não tem valor, a gay que pode se expressar, pode sair, pode ter uma vida sexual ativa e o resto fica meio que marginalizado.

A fala de Diego explicita como a pertença à comunidade gay não se dá apenas pela orientação sexual, mas é mediada por regimes de corporalidade e conduta. Ao afirmar que existe “uma carteirinha nacional de homossexualidade” que pode ser “caçada” caso o sujeito não corresponda a um determinado “padrão”, ele traduz simbolicamente um processo de disciplinamento: para ser reconhecido como legítimo, não basta ser gay, é preciso apresentar um corpo moldado segundo ideais de uma masculinidade específica. A descrição de que quem não corresponde ao padrão “acaba sendo atirado dentro de um grupo alternativo” também revela como a própria comunidade estrutura mecanismos classificatórios. A criação de categorias como “urso”, “twink” e tantas outras pode ser lida, a princípio, como sinal de diversidade, mas também funciona como dispositivo de hierarquização, estabelecendo fronteiras entre aqueles que possuem “valor” e aqueles que são relegados à margem. Butler (2003) ajuda a tensionar essa questão ao demonstrar que a performatividade de gênero e sexualidade não é livre, mas atravessada por regimes de reconhecimento que definem quais performances são inteligíveis e respeitáveis. Assim, a “gay que tem valor”, como nomeia o interlocutor, é aquela cuja performance se aproxima da norma, enquanto os demais são empurrados para identidades de segunda ordem.

Nesse sentido, pesquisas no campo da Educação Física têm evidenciado que as práticas corporais e esportivas constituem espaços privilegiados de regulação das corporalidades e das sexualidades dissidentes. Estudos como o de Alves *et al.* (2025) demonstram que, embora homens homossexuais apresentem alta adesão a práticas como musculação e atividades em academias, cerca de 37% relatam experiências de preconceito nesses espaços, indicando que o engajamento corporal ocorre simultaneamente à exposição a dispositivos de controle e vigilância. De modo semelhante, revisões recentes apontam que a produção científica da Educação Física tem identificado a persistência de normas que associam desempenho, aparência corporal e masculinidade, operando como critérios de inclusão e exclusão no acesso e permanência nas práticas corporais (Polo; Olivari; Tavares, 2022). No contexto escolar, Figueiredo (2024) evidencia que a Educação Física historicamente organiza os corpos a partir de lógicas binárias e hierarquizantes, contribuindo para a normalização e marginalização de sujeitos LGBTQIAPN+.





Deste modo, a busca pelo “corpo ideal”, presente nas falas dos interlocutores, pode ser compreendida como efeito dessas dinâmicas, nas quais o corpo musculoso e alinhado à masculinidade “tradicional” funciona como estratégia de reconhecimento e proteção, ao mesmo tempo em que reinscreve hierarquias e diferenciações no interior das próprias experiências gays.

Nesse íterim, emerge a noção de passabilidade: “Porque, o que é a imagem do gay na nossa sociedade. É um homem que tenha trejeitos, mas que tenha passabilidade [...], isso pra muitos de nós, traz uma sobrecarga emocional” (Emerson Ferretti). Acionar representações de masculinidades heterocentradas nesse contexto parece ser uma estratégia de sobrevivência, mas também armadilha: “É uma das formas de ser mais aceito na sociedade [...] você pode ser gay, mas tem que ser assim e assado, tu tem que ser um homem macho, ter uma aparência masculina [...] e ter essa estética padrão, corpo padrão, é um dos requisitos de aceitação” (Rayan Dutra). Aqui, podemos compreender que o passar por surge como uma pedagogia do olhar, que convoca sujeitos a produzirem seus corpos para serem lidos de determinadas maneiras, ainda que a custa de si.

A era digital amplifica esse imperativo: “[...] ‘a, eu acho que to muito gay’, porra, foda-se, eu sou gay, qualquer foto do meu Instagram, ela é gay. Então, eu acredito sim, que a gente tenta parecer hetero para se vender, atrair pessoas, Instagram é isso né” (Lilico). Ian Matos observa que as redes sociais incitam nos sujeitos o desejo de aderir ao processo de “padronização” corporal. Tal como em outros relatos, o corpo aparece associado à estética, à beleza, ao volume muscular e a determinados ganhos sociais, mas raramente vinculado à dimensão da saúde. Como ele próprio afirma: “tu tá olhando geral da tua comunidade melhorando o corpo, ficando mais bonito, ficando mais atraente, tu vai querer se incluir também naquele meio, e também ser daquela forma” (Ian Matos).

Chama atenção, ainda, que a busca pelo “corpo padrão” não se restringe a uma dimensão estética, mas também carrega objetivos afetivos e sexuais. Ian Matos observa esse fenômeno: “acho que tu nunca viu tanto gay fazendo academia e postando story de ‘tá pago’ na frente do espelho, o homem gay se emagrece, faz dietas, se mata fazendo exercícios, para conseguir transar com o boy padrão, que ele sempre sonhou”. A fala revela como a disciplina dos corpos se articula à promessa de pertencimento e ao desejo de reconhecimento, fazendo do corpo moldado segundo a norma um passaporte para o acesso a relações afetivas e sexuais. Nesse processo, práticas cotidianas, treinos intensos, dietas restritivas, exibição nas redes sociais, assumem um caráter de investimento naquilo que Foucault (1982) chamaria de tecnologias de si, em que o sujeito governa e regula seu corpo de modo a torná-lo desejável.





Ao mesmo tempo, o relato evidencia a ambivalência dessa lógica: a busca por afeto e validação se converte em auto sacrifício e em reprodução de um ideal corporal excludente, reiterando hierarquias dentro da própria comunidade. A estética, não é só vaidade, mas disciplina e mercado, o corpo não apenas existe, mas precisa circular como imagem e mercadoria sexual e social. Nesse sentido, Preciado (2014) chama atenção para como o regime farmacopornográfico transforma o corpo em interface, continuamente gerido, modificado e exibido para consumo. Tanto os relatos que evidenciam a busca por um suposto “corpo padrão”, marcado por signos associados a um ideal de masculinidade tradicional, quanto às estratégias de acionar essas marcas em seus próprios corpos para não “parecer muito gay” ou ainda a tentativa de conciliar “trejeitos, mas com passabilidade” revelam um processo de distanciamento em relação às representações de feminilidades.

Nesse movimento, como nos lembra Hall (2014), a identidade se constitui sempre em relação à diferença, em um jogo de fronteiras móveis que estabelece quem pode ser reconhecido como pertencente e quem é lançado à margem. Assim, as masculinidades narradas pelos interlocutores não se sustentam por uma essência, mas por um permanente processo de diferenciação, no qual a feminilidade opera como exterior constitutivo e necessário para demarcar seus contornos. Assim, as noções de masculinidade e feminilidade são comumente vinculadas ao gênero, e a matriz heteronormativa pressupõe que a masculinidade se sustente na repressão necessária de aspectos femininos, instaurando o conflito a partir da oposição binária entre masculino e feminino (Anjos, 2013).

Os interlocutores também reconhecem a matriz do machismo como sustentáculo desses imperativos. “A base de tudo é o machismo, nós temos o machismo muito forte na sociedade, o pai daquele menino quer que ele seja homenzinho desde sempre [...]” (Nicolas Albiero). Aqui, o gênero aparece em sua dimensão pedagógica (Louro, 1997): ensina-se desde cedo que certos corpos devem performar dureza, força, virilidade, interditando choro, fragilidade e sensibilidade. O comentário sobre o pai que deseja que o filho seja “homenzinho desde sempre” explicita o caráter intergeracional desse processo, em que a masculinidade é transmitida como expectativa normativa, quase como herança obrigatória. Nessa dinâmica, o menino é convocado a encarnar um ideal que o antecede, sendo menos sujeito de escolhas do que alvo de uma pedagogia que inscreve no corpo a lógica da heteronormatividade.

Trata-se de uma performatividade reiterada, em que os atos, gestos e modos de existir não emanam de uma essência, mas são produzidos e exigidos por normas que, ao mesmo tempo, constituem e limitam os sujeitos (Butler, 2003). A demanda paterna para que o filho seja “homenzinho” encarna esse





gesto performativo regulado, que, sob o pretexto da naturalidade, reafirma a ficção da masculinidade como dado ontológico. Complementarmente, pode-se compreender essa expectativa como efeito de dispositivos de poder que disciplinam e regulam os corpos, produzindo subjetividades alinhadas às hierarquias de gênero e à manutenção de relações assimétricas (Foucault, 1975). Assim, o imperativo de “ser homenzinho” não se limita, portanto, a uma orientação familiar, mas funciona como dispositivo social de regulação, reiterando a masculinidade como posição de poder e afastando qualquer possibilidade de experimentação de feminilidades ou expressões dissidentes.

A partir do exposto, percebo que há uma série de expectativas atreladas ao corpo gay, tanto na esfera da vida cotidiana quanto quando esse corpo transita por práticas corporais e esportivas. Parece haver uma representação a ser seguida: é preciso acionar e inscrever nos corpos uma série de signos associados a uma masculinidade cisheteronormativa. Nesse sentido, estudos como os de Louro (2004), Miskolci (2009) e Caetano (2016) demonstram como a homossexualidade é atravessada por expectativas de adequação, em que se produzem hierarquias internas entre o “masculino” valorizado e o “afeminado” subalternizado. Preciado (2018) também contribui ao evidenciar como o regime heterossexual organiza os corpos e prazeres operando uma política de subjetivação que atravessa tanto o desejo quanto a estética corporal.

Os efeitos desses processos de disciplinamento dos corpos e das condutas se concretizam na experiência de sujeitos que não se alinham às representações cisheteronormativas. O relato de Justin Fashanu evidencia esse fenômeno ao mostrar que, mesmo em ligas esportivas destinadas ao público LGBTQIAPN+, não se pode presumir a existência de espaços totalmente seguros, acolhedores ou isentos de práticas de exclusão e violência.

Justin Fashanu se identifica como um homem negro, cisgênero, gay e pertencente a uma religião de matriz africana. Passou a infância no interior do Rio Grande do Sul, onde estudou em escola pública, e hoje atua como conciliador judicial, além de dedicar-se ao carnaval como mestre-sala. Sua trajetória no esporte inclui três anos em um time de futebol 7 voltado ao público gay. Nesse período, costumava aparecer em campo usando turbantes e maquiagem, mobilizando esses elementos como forma de afirmar para o público e para seus colegas de equipe a pluralidade de suas identidades. Vale destacar que nesse momento, também incorporava símbolos relacionados à negritude, fazendo da estética uma linguagem de resistência e expressão. Assim, o interlocutor se inscreve na confluência de





múltiplos marcadores sociais, de gênero, sexualidade, raça, religião e classe, que complexificam ainda mais sua experiência dentro do time de futebol 7.

Ele descreve o perfil predominante dos jogadores do time: “a maioria dos guris que jogam tem dinheiro, o médico, o advogado, as famílias têm dinheiro. Eles podem e têm condições [...], geralmente são todos brancos, e acho que foi se instaurando esse padrão”. Também relata as dificuldades financeiras para permanecer nas competições. Apesar de participar dos treinos, sua presença em campeonatos fora de Porto Alegre era inviabilizada: “e aí eu ficava de fora”. Nesse contexto, critica a inclusão seletiva: “se é pra incluir, é pra incluir todo mundo, não incluir o gay padrão do Bom Fim, que era o que mais ou menos acontecia, daí eu fui perdendo a vontade e não me senti tão representado”.

A representação denominada de “o gay padrão do Bom Fim” é constituída a partir de um padrão estético, comportamental e intelectual em conjunto de um poder aquisitivo alto, de uma classe social média para mais. Bom Fim é um bairro nobre de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, com o rendimento médio dos responsáveis por domicílio de 7,67 salários mínimos (IBGE, 2010). Deste modo, presume-se que o “gay padrão do Bom Fim” citado por Justin Fashanu, possui classe econômica elevada, e contempla os padrões estéticos da comunidade gay. Em contraponto, não estando inserido no time de futebol 7, Lilico corrobora na posição de espectador, criticando a falta de representatividade nesse espaço, reforçando a homogeneidade observada por Justin Fashanu:

[...] não me sinto nada acolhido nesses meios, eu já fui assistir um jogo, mas assim, um monte de padrãozinho correndo. Para mim, parece aquele mesmo time de caras héteros, só que agora eles são gays, e não são nem um pouco receptivos com outros tipos de gays, não tem um gordinho ali, é tudo sarado, branco, majoritariamente.

Quando o interlocutor afirma que “parece aquele mesmo time de caras héteros, só que agora eles são gays, e não são nem um pouco receptivos com outros tipos de gays”, ele denuncia a continuidade de um regime de masculinidade normativa. Ainda que se trate de um espaço assumidamente voltado a homens gays, os critérios de reconhecimento e valorização parecem permanecer atrelados a um ideal corporal e comportamental que privilegia o “sarado, branco, majoritariamente”, enquanto corpos gordos, afeminados e racializados são invisibilizados ou afastados. Podemos pensar esse cenário como efeito de dispositivos de poder que atravessam a sexualidade: não basta deslocar-se do campo heterossexual, é necessário alinhar-se a formas específicas de visibilidade e respeitabilidade (Foucault, 1988). Aqui a norma parece se inscrever dentro da diferença, regulando quem pode ou não ser aceito, quem é reconhecido como “legítimo” no jogo. A performatividade de gênero opera aqui: a homossexualidade desses atletas





não rompe com o modelo heteromasculino, mas o reinscreve em outro contexto, reiterando as mesmas fronteiras do que conta como “corpo válido”.

Essa dinâmica foi também observada por Pedro (2006, p. 59): “há um preconceito do gay contra o próprio gay, ou seja, o preconceito entre iguais, a rejeição daqueles que se aproximam dos padrões heteronormativos e os que não os correspondem”. Ao lado deste, o autor identifica ainda o que chama de “preconceito defensivo”, quando certos sujeitos, para se protegerem, passam a projetar no outro marcas de diferença que não querem associadas a si mesmos. Isso mostra que dentro de ligas esportivas LGBTQIAPN+, emergem disputas internas de legitimidade: a rejeição ao “afeminado”, ao “gordo” ou ao “pobre”, estas que reforçam a violência simbólica contra aqueles que não performam os padrões aceitos.

Ao tentar tensionar a homogeneidade do grupo, levantando questões de classe social e raça, Justin Fashanu relata que não obteve apoio dos colegas e tão pouco da organização do time. Pelo contrário, foi alvo de “piadas” relacionadas à sua condição econômica e sua raça. Questionado sobre possíveis ações sociais ou políticas no time, respondeu: “pra mim esses movimentos não existiam, eles nunca foram além, quando eu levantei o fator social e racial no time fui atacado pelos próprios membros”. O racismo aparece como fator decisivo para seu afastamento: “[...] eu já ouvi piadas no time, em questão da cor, falei sobre isso e não fui ouvido, daí foram vários fatores que foram juntando”. Sua crítica à homogeneidade do grupo e às condições seletivas de inclusão não encontrou respaldo entre os colegas de time, mas foi recebida com “piadas” e silenciamento. Embora discursos de diversidade frequentemente reivindicam igualdade e respeito, essas noções operam muitas vezes de forma abstrata e não se traduzem em acolhimento concreto das diferenças internas. Mesmo nos espaços gays, os valores de respeitabilidade e visibilidade estão ancorados em hierarquias de corpo, comportamento e status (Pedro, 2006).

O poder da fala e de seu potencial de gerar ações no time, estava concentrado nos jogadores brancos, e não em Justin Fashanu, que diversas vezes tentou trazer à tona as questões étnico-raciais. Como aponta bell hooks (1995), a branquitude se associa à ideia de civilização, racionalidade, ordem e equilíbrio, enquanto a negritude é frequentemente vinculada ao primitivo e à natureza. Dentro dessa lógica, a função de Fashanu no time pareceu se restringir à performance em campo, e não à possibilidade de incidir nos rumos do coletivo a partir de suas críticas. Seus apontamentos sobre as contradições entre os ideais de diversidade e as práticas de exclusão não encontraram espaço de escuta, revelando rachaduras profundas em um projeto que se pretende inclusivo. Como efeito, após três anos jogando no time, Justin Fashanu





desistiu do futebol: “É aquela coisa, vai as gotinhas de água, mas chega uma hora que o copo transborda, e transbordou e eu saí”. Essa experiência evidencia como estruturas de poder operam também dentro de espaços que se apresentam como inclusivos. Nesse contexto, o discurso funciona como instrumento de construção da realidade, capaz de produzir e manter relações de poder (Foucault, 1996). No caso de Justin Fashanu, a interseccionalidade entre raça, sexualidade e condição socioeconômica tornou-se central para compreender a exclusão vivida dentro do time de futebol 7.

A articulação entre raça, classe e corpo, no contexto analisado, evidencia que as corporalidades não são produzidas de forma isolada, mas atravessadas por múltiplos regimes de poder que operam simultaneamente. Conforme os relatos apresentados, o chamado “corpo padrão” gay, musculoso, másculo e desejável não se sustenta apenas como efeito de normas de gênero e sexualidade, mas também como expressão de privilégios racializados e de condições materiais específicas. A recorrência de descrições que associam pertencimento à branquitude, à estética corporal e ao acesso a recursos revela que o corpo funciona como marcador de distinção, organizando quem pode ser reconhecido como legítimo dentro das práticas corporais e esportivas.

Essa dinâmica se explicita de maneira contundente na experiência de Justin Fashanu, cuja trajetória torna visível que o acesso e a permanência nesses espaços são mediados por desigualdades de classe e por processos de racialização. Ao relatar a predominância de sujeitos brancos e economicamente privilegiados, bem como as dificuldades financeiras para participar de competições, o interlocutor evidencia que o engajamento nas práticas esportivas está longe de ser universal ou igualitário. Ao mesmo tempo, os episódios de racismo e a ausência de escuta frente às suas denúncias revelam que não basta compartilhar uma identidade sexual dissidente para garantir inclusão: os critérios de reconhecimento continuam ancorados em hierarquias que articulam corpo, raça e classe, produzindo pertencimentos seletivos.

Desse modo, o corpo emerge como território onde essas dimensões se imbricam, operando tanto como promessa de reconhecimento quanto como mecanismo de exclusão. A busca pelo “corpo ideal”, amplamente mencionada pelos interlocutores, pode ser compreendida como tentativa de acessar legitimidade em um campo que valoriza determinados signos corporais, mas que, ao mesmo tempo, restringe esse acesso a partir de marcadores sociais específicos. Assim, as práticas corporais e esportivas não apenas refletem desigualdades históricas, mas também as atualizam, revelando que o corpo gay valorizado é aquele que se aproxima de um ideal simultaneamente masculino, branco e economicamente





privilegiado, enquanto outras corporalidades permanecem tensionadas, marginalizadas ou silenciadas. Como destacam Munanga (1999), Goellner (2008) e Carneiro (2011), práticas esportivas no Brasil frequentemente refletem e reforçam desigualdades raciais, reproduzindo padrões estéticos e normativos que excluem corpos racializados e economicamente desfavorecidos. Dentro da comunidade gay, essa lógica parece manter a produção de exclusão e invisibilização de sujeitos que não se enquadram no ideal de corpo e comportamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas ao longo deste estudo evidenciam que o corpo, no contexto das práticas corporais e esportivas entre homens gays, opera como um dispositivo central de regulação, reconhecimento e pertencimento. Longe de se restringir a uma dimensão biológica ou funcional, o corpo emerge como superfície de inscrição de normas de gênero, sexualidade, raça e classe, sendo constantemente produzido e avaliado a partir de critérios que privilegiam uma determinada masculinidade, centrada na estética musculosa e na passabilidade heteronormativa. Os relatos dos interlocutores revelam que a busca pelo chamado “corpo ideal” está profundamente articulada a experiências prévias de violência, rejeição e invisibilização, funcionando como estratégia de validação social e acesso a afetos, ainda que, simultaneamente, reforce hierarquias internas e produza novas formas de exclusão.

Nesse cenário, a interseccionalidade mostrou-se um eixo incontornável, ainda que nem sempre plenamente explorado ao longo da análise. A experiência de Justin Fashanu explicita como raça e classe atravessam de maneira decisiva as possibilidades de acesso, permanência e reconhecimento nas práticas esportivas, tensionando a ideia de uma comunidade gay homogênea. Contudo, como limitação do estudo, observa-se que tais marcadores poderiam ter sido mobilizados de forma mais transversal ao longo de toda a análise, e não concentrados em um caso específico. Além disso, o perfil dos interlocutores, majoritariamente com determinado nível de escolaridade e inseridos em um recorte geracional específico, pode ter favorecido a elaboração de narrativas mais reflexivas sobre corpo, norma e pertencimento, ao mesmo tempo em que restringe a compreensão de experiências outras, especialmente de sujeitos mais jovens, com menor acesso à escolarização ou inseridos em contextos socioculturais distintos.

Por fim, o estudo aponta como fragilidade e, ao mesmo tempo, como potência, a necessidade de avançar em problematizações que articulem de modo mais consistente os diferentes marcadores





sociais da diferença. As dinâmicas observadas indicam que as práticas corporais e esportivas não apenas reproduzem normas cisheteronormativas, mas também atualizam desigualdades raciais e de classe no interior das próprias dissidências sexuais. Nesse sentido, novas investigações poderiam aprofundar como esses atravessamentos operam em diferentes contextos regionais, geracionais e institucionais, bem como explorar outras experiências dissidentes que escapam aos circuitos mais visíveis e normatizados. Ao evidenciar que nem todos os corpos gays são igualmente reconhecidos como legítimos, este estudo contribui para tensionar discursos de inclusão e diversidade, apontando para a urgência de perspectivas analíticas que compreendam a interseccionalidade não como atributo descritivo, mas como eixo estruturante das relações de poder que conformam corpos, práticas e subjetividades.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Humberto *et al.* Atividade física de lazer e barreiras percebidas por homens homossexuais em uma cidade de meio porte do sudeste do Brasil. **Revista brasileira de atividade física & saúde**, v. 30, p. 1-15, 2025.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Quando o silêncio é rompido**: homossexualidade e esportes na Internet. 2013. 190f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2013.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v.3, n.2, p. 77-101, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAETANO, Márcio. **Performatividades reguladas**: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação. Curitiba, PR: Appris, 2016.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.
- COSTA, Marisa Vorraber. Estudos culturais: para além das fronteiras disciplinares. *In*: COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2004.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative inquiry**: experience and story in qualitative research. San Francisco, USA: Jossey-Bass, 2000.
- CUNHA JUNIOR, Carlos Ferreira da; MELO, Victor Andrade de. Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações. **Movimento**, v. 3, n. 5, p. 18-24, 1996.





FIGUEIREDO, Maria Eduarda Erlacher de; LAURINDO, Vinnicius Camargo de Souza; MARTINS, Mariana Zuaneti. Jovens LGBT+ e a educação física escolar: exclusões, negociações e vias de pertencimento. **Revista tempos e espaços em educação**, v. 17, n. 36, p. 1-14, 2024.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de si (1982). **Verve**, n. 6, p. 321-360, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane. A produção cultural do corpo. *In*: GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, v. 13, n. 2, p. 173-196, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre; SILVA, André Luiz dos Santos; JAEGER, Angelita Alice. Apresentação: Dossiê diversidade, gênero e sexualidade nas práticas corporais e esportivas. **Diversidade e educação**, v. 11, n. 2, p. 5-6, 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.

HARAWAY, Donna J. "A cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century" *In*: HARAWAY, Donna J. **Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature**. New York, USA: Routledge, 1991

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Revista estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.





LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogia das sexualidades. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, ano 11, n. 21, p. 150-182, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PEDRO, Roberto Cardoso; FOCAS, Júnia Diniz. **O preconceito no discurso gay**. 2006. 85f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2006.

POLO, Maria Clara Elias; OLIVAR, Jose Miguel Nieto; TAVARES, Giselle Helena. Práticas corporais e população LGBTI+ na Educação Física: uma revisão de escopo. **Conexões**, v. 20, p. 1-23, 2022.

PRADO, Vagner Matias do; ALTMANN, Helena; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Condutas naturalizadas na educação física: uma questão de gênero? **Currículo sem fronteiras**, v.16, n. 1, p. 59-77, 2016.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: Zahar, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1995.

WEEKS, Jeffrey. O CORPO E A SEXUALIDADE. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogia das sexualidades. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

Juan Romero

<http://lattes.cnpq.br/7095947235571752>

<https://orcid.org/0000-0003-0978-5927>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre, RS – Brasil)

juankalromero@gmail.com





CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR

Autor 1: concepção e desenho da pesquisa; construção e processamento dos dados; análise e interpretação dos dados; escrita conjunta do texto.

FINANCIAMENTO

Não houve financiamento.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados foram gerados/analísados no presente artigo.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflito de interesses.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ROMERO, Juan. “LGBT tem que ter um corpo dentro de um padrão, porque se não, ele tem a carteirinha nacional de homossexualidade caçada”: simulacros de masculinidade e regimes de reconhecimento entre homens gays. *Corpoconsciência*, v. 30, e20276, p. 1-20, 2026. <https://doi.org/10.51283/rc.30.e20276>.

Recebido em: 29/08/2025

Aprovado em: 14/04/2026

Publicado em: 03/06/2026

